

ECHO MUNICIPAL

ORGÃO LITTERARIO, NOTICIOSO E IMPARCIAL

PROPRIETARIOS—MOREIRA & SEIXAS.

REDACTOR—Manoel Saturnino de Seixas

ECHO MUNICIPAL

Questões do dia

Preocupou entre nós a publica-
tão, durante os dias da semana
finda—a verificação das circumstan-
cias havidas no conflicto da noite de
6, e sobre cujo motivo tamanha ce-
leuma se levantou.

Pelo inquérito a que se procedeu
chegou-se finalmente á evidencia de
que mais foi o berreiro do que outra
coisa.

Espiritos mais ou menos mesqui-
nhos tentaram (mas felizmente não
consequiram) tirar partido das leves
circunstancias, alias imprevisas de
um simples rôto, que não poucas
vezes ali tem-se visto, e procuraram
não somente desvirtuar uma manifes-
tação toda espontanea que n'aquelle
mesmo dia a nossa população agra-
decida dirigiu ao nosso digno
subdelegado de policia sr. Claudino
de A. Palma, como ainda, indigna-
mente quiseram prevalecer-se do
enjoio para conspurcar a reputação
de mais de um cidadão digno a to-
dos os respeito do acatamento dos
homens sensatos.

Gracas, porém, á energia com que
procederam as nossas autoridades,
fez-se a luz, e os espiritos malevolos
ficaram confundidos nas proprias tre-
vas em que vegetam.

O conflicto havido nada tem do
commun com a manifestação de a-
preço ao sr. Claudino de Almeida,
que a maioria da nossa população
têm na devida conta; prezam-n'o mu-
lto todos aquelles que, livres da in-
fluencia do sentimento do egoismo,
tem por innumeradas vezes participado
dos beneficos serviços que está elle
sempre prestando em bem do respeito
á lei e das garantias do cidadão.

Houve de facto o conflicto entre o
povo e a policia, e como bem o dis-
semos, provocado por esta que, longe
de garantir-nos a paz, ao contrario
planta entre nós a zizania, a confu-
são e a desordem.

Si, porém, na acção do motim ap-
pareceu um ou outro individuo des-
que tomaram parte na felleição an-
teriormente havida, foi unicamente
com o fim de procurar acalmar o
povo, e nunca como promotores do
alvoroto; e é isto tão verosimil quan-
to é certo que tendo sido feita a fel-
leição ás seis para sete horas da tar-
de, e tendo os seus promotores se dis-
pensado ás oito horas mais ou menos,
quando estas ha muito se haviam re-
colhido á suas casas, cerca das onze

horas é que manifestou-se o conflic-
to, originado pelo facto de uma rixa
entre um policial e um paizano.

Pazia então um d'esses luars
provocadores que tentam ao mais
caseiro mortal a dar o seu passeio
nocturno. E' pois natural que hou-
vesse alguns trascontes pelas ruas.

D'estes, alguns acudiram ao lu-
gar do conflicto, mas para e simples-
mente—a principio por mero espiri-
to de curiosidade e mais tarde, quan-
do foi tomando maior vulto a dispu-
ta, com o fim exclusivo de harmoni-
sarem os belligerantes.

A' aquellos que alli foram levados
pelo mais ordeño dos principios—
desejose attribuir a origem ou as
graves proporções que dizem que
tomara o conflicto.

Um policial que levou uma queda
e que n'esta contundido um braço le-
vemente—diziam: *foi ferido de bal-
la*—quando verificamos que n'esta
nenhuma esteve alli armada, a excep-
ção do guarda-policia, e quando não
ha mesmo uma unica testemunha
que deponha que ouvisse a mais leve
detonação?

Está, pois, evidenciado que houve
exagero da parte d'aquelles que
descreveram este successo revestido
das mais graves circumstancias e
coloriram-n'o de cores tão negras.

De nossa parte, está formado o
nosso juizo á respeito; não temos
a fatuidade do pretender que seja o
aceito ou o preferido; entretanto
insistimos em dizer que a unica
responsavel pelos disturbios havidos
foi pura e simplesmente a policia,
tendo como principal vulto o celeberrimo
sargento commandante, que
apezar de ausente, de ha muito
tem ageitado o seu povo.

Retire-se d'aqui este destacamento
que pelos desvarios do seu comman-
dante, perdeu toda a força moral
perante a opinião publica; substitua-
m-n'o por outro mais morigerado e
menos despotico e arbitrario, e tudo
voltará ao bem-estar e á tranquillida-
de.

Estamos competentemente infor-
mados de que o sr. R. da Motta não
autorisa as despoiticas revistas que
mais ou menos influiram nos succes-
sos da noite de 6; logo o comman-
dante sargento exorbitou.

Será responsabilizado por isso?

Esperemos.

A nossa policia tem realmente sa-
hido fora dos limites ordinarios. Não
cremos que seja ella toda composta
de mãos guardas, poderá mesmo des-
tacar-se este ou aquelle que compo-

netre-se dos seus deveres; porém
todos se tornarão imprestaveis, in-
convenientes, perigosos até, tendo por
commandante tal commandante.

Sabe-se da influencia pernicioso
que exerce uma *ma orelha*; ora se
uma simples ovelha deita um rebu-
cho a perder, que diremos de uma
ovelha da natureza do bravo com-
mandante-sargento—com pretensões
a pastor?

E não exageramos.

Em certo dia passava o respeitavel
cidadão sr. dr. Ascanio de Azevedo
pelo corpo da guarda, ou antes, pela
frente da cadeia justamente ao tem-
po que o referido commandante in-
troduzia na enxovia um grande côpo
repleto de aguardente e offerecia-o a
um preso. O sr. dr. Ascanio apos-
trophou-o por isso, e com razão
mostrou-se indignado por tão insolito
procedimento.

restrito dever de ser o primeiro a
cohibir tal abuso n'uma casa de
detenção.

A consequencia foi o sr. dr. As-
canio passar pelo vexame de ser
desrespeitado pelo insolente sargento
que o intimou a retirar-se, ponde-
rando-lhe com os mais grosseiros e
virulentos doestos que não competia
a elle dr. moralisar aquella reparti-
ção etc.; de tal maneira que o sr. dr.
Ascanio formulou queixa verbal ao
sr. Subdelegado em exercicio contra
o inqualificavel e insolito procedimen-
to do referido commandante—o mata-
mourous do seculo.

Quizeramos fallar pouco de nós,
mas não podemos furtar-nos ao de-
ver de lembrar aos nossos leitores o
insolente comportamento que teve
para com nosco o moderno Javert,
o commandante modelo, quando
denunciamos por esta folha a barba-
rica prisão que mandara effectuar na
pessoa de um pobre homeni que se-
guia pacificamente seu caminho e que
fôra arrastado para o quartel como
se fôra um objecto qualquer destitui-
do de sensibilidade.

Seria um nunca acabar, e não com-
portaria os estreitos limites de um
pequeno artigo tentar fazer um re-
trospecto da vida publica do sr. com-
mandante; ella, porém, é bem co-
nhecida do publico de Cachoeira e
de Lorena, onde deixou *herança* fama.

Mais uma vez apellamos para o
espírito ordeiro e pacifico que dis-
tingue as nossas autoridades locais, e
reiteramos, em nome da paz, do pro-
gresso e da prosperidade da nossa
povoação a execução da medida sal-
vadora que mais de uma vez lhes to-

mos lembrado:—o recolhimento do
commandante á capital.

Falla muito alto em abdo de nos-
so alviro—o procedimento edifican-
te do sr. Deodato da Silva Rodrigues
com relação ao destacamento policial
da Villa do Cruzcoteiro, e a
aquelle cidadão muito digna autori-
dade.

O proprio sr. Agente da estação
da E. Ferro n'esta freguezia, via-se
forçado a pôr em vigor, escrevendo
em letras garrafais e collocando
nos lugares mais frequentes da es-
tação a seu cargo alguns artigos do
regulamento das estradas de ferro
que prohibem a frequencia n'estas
repartições por guardas municipaes.
O sr. Agente, pondo em execu-
ção esses artigos, sente-se d'essa
maneira mais garantido assim como
mais inviolavelmente guardado aquelle
estabelecimento publico, estado de

Aguardamos as mod'as que, n'es-
te caso, são aconselhadas pela pru-
dencia.

Esperemos.

NOTICIARIO

É espirotooso!—O sr. Ma-
noel de Freitas Novaes, que de
quando em vez não deixa de dis-
tinguir-se por qualquer *celebridade*,
tendo pernhoito de 12 para 13 do
corrente em um dos mais acredita-
dos hotéis da nossa povoação e ten-
do tido por companheiro de dormito-
rio um respeitavel magistrado de
uma comarca vizinha, na manhã
de 13, depois de ter refrigerado as
incendidas faces com a proverbial
lavagem, após a ingestão de delicio-
sas goles de saboroso café matinal,
levantou tal celeuma que pôz em
alvoroto todo o pessoal da casa!

Dizia-se o nosso homem roubado
em duzentos e tantos mil reis pelo
criado do hotel, mudo circumspeto,
de uma reputação illibada e incapaz
a todos os respeito da mais leve
suspeita!

Alem de que a casa que por esta
maneira procurava o sr. Novaes
desconceituar, é aquella mesma que
já têm guardado mais do proprio
queixoso contendo documentos e ob-
jectos no valor de contos de reis;
é essa mesma casa da qual por ma-
is de uma vez este jornal tem re-
gistrado factos que abonam em ex-
tremo o seu proprietario que, inde-
pendente d'isso, goza de geral sym-
pathia e de todo o conceito: é esta
mesma casa onde ha bem pouco
tempo um passageiro desconhecido
deixara por esquecimento quantia
superior de dinheiro (alguns contos

de reis) e o proprietário do estabelecimento, sendo conhecedor do facto, incontinenti telegraphou ao hospede, senhor do dinheiro e cujo destino conhecia, fazendo-lhe pontual e prompta entrega do deposito. Estes e outros factos identicos, devidamente apreciados por nós e por todos aquelles que conhecem o estabelecimento a que nos referimos, nós os temos registado nas columnas d'esto jornal.

Pois bem. É ahí justamente n'esta mesma casa que o sr. Novaes se diz lesado em d'zentos e tantos mil reis! É admiravel e inadmissivel!

O pobre moço indiciado pelo sr. Novaes como autor da subtração do dinheiro apenas havia penetrado na porta onde dormia o queixoso, e onde ainda dormia seu companheiro de quarto. Isto fizera por ordem do queixoso, para o fim de renovar a agua do lavatorio. Em acto continuo o sr. Novaes apalpa as algibeiras. Constação! Acha-as phyticas e, sem mais nem menos, dá ordem de prisão ao criado: confusão! Este oppõe-se, porque, além de innocente não via no despotico hospede caracter nenhum official para intimar-lhe a prisão. Acóde o proprietário do estabelecimento que, apesar de julgar o seu empregado incapaz de tão desairoso procedimento, o detem, recebe d'elle a chave de um bahu que possui e em que tem a roupa do uso. examina-o, assim como ao próprio indigitado, mas tudo em vão!

Quid ardeat? O sr. Novaes, procedendo ao mesmo instante a uma devassa geral na propria pessoa do accusado e no seu pobre bahu, nada se encontra! Acóde o subdelegado em exercicio, auxilia-o em averiguações e nada se consegue adiantar! O queixoso injuria ao accusado com os mais degradantes epithetos. A autoridade chama-o a ordem, e pondera-lhe que formula a queixa por scripto. Aceito o conselho, assim procede o queixoso, arróia testemunhas; e entre ellas contempla um empregado da E. de Ferro que nem si quer se achava no hotel onde se passa a acção!

Realmente é uma comedia interessante e digna de tal author! Podemos asseverar aos nossos leitores que o facto que relatamos deu-se exactamente como narramos, por quanto foram-nos fornecidos este por membros pela propria autoridade em quem depositamos inteira confiança.

Promotor.—Fixou sua residencia na cidade de Lorena o nosso distincto e particular amigo, sr. dr. José Ignacio de Macêdo, illustrado promotor publico da Comarca.

Felicitações aos Lorenaenses por esse acontecimento, e ao sr. dr. Macêdo e á s. exma. Família cumprimentamos e desejamos-lhes toda a sorte de venturas.

Subdelegacia de policia.

—Consta-nos que o sr. Joaquim J. Rodrigues da Motta, 3.º supplente de subdelegado de policia n'esta freguezia, pedira sua demissão d'esse logar, em consequencia de injustamente ter sido arquiado pelos ultimos acontecimentos aqui havidos.

Lamentamos de veras tal resolução;

por quanto, o sr. Motta reúne em si todas as qualidades precisas para bem desempenhar as melindrosas funções inherentes á esse cargo.

Interrupção de transito.

—Consta-nos que na linha ferrea S. Paulo e Rio de Janeiro, deu-se a queda de um pontilhão, pelo que, devido á baldação n'esse logar, tem sempre chegado atrezado o trem do norte.

Correio.—Continuam as queixas de alguns de nossos assignantes da freguezia de Pinheiros, d'esta provincia sobre o não recebimento do nosso periodico.

Pedimos ao sr. Agente do correio d'aquella localidade que nos informe se tem ou não recebido os ns. do Echo correspondentes ao n. de assignantes que alli temos.

«Correio Paulistano.»

—Não sabemos por que circumstancia não nos tem chegado as mãos o Correio Paulistano, um dos organos da capital que observa para com nosco a mais perfeita pontualidade. Recebemos ultimamente desse importante jornal um ou outro n. truncado.

O que será?

Nomeação.—A 13 foi nomeado o escrivão do civil, judicial e notas da Villa do Cruzeiro, o nosso amigo sr. Manoel Nunes Duarte, zeiro por tão acertada nomeação, por quanto é o nomeado um cavalheiro intelligente que desempenhará satisfactoriamente as attribuições que lhe são affectas, assim como é geralmente bem quisto e considerado no logar, pelas excellentes qualidades que o caracterizam.

O nomeado conhece-nos bem do perto, e sabe que não turiferamos o amor proprio de quem quer que seja, e seríamos bastante franqueos para dizermos-lhe o contrario si porventura não nos merecesse o bom juizo que de s. s. fazemos. Assim, pedimos-lhe que se digne aceitar as palavras que lhe dirigimos como filhas de uma verdadeira convicção e nunca como o resultado de um sentimento pouco confessavel.

Balsa.

—Pedem-nos a publicação do seguinte:

«Sr. Redactor. Pego-lhe chamar a attenção do sr. Administrador do Registro para o cumprimento do horario da passagem da barca. Hoje (13) mandei 3 pessoas para embarcar no primeiro trem que segue para o Norte e permanecerão sem passagem até que o trem partio, ahí então voltarei, á despeito de chamarem mais de uma hora não apparecendo o barqueiro. Não foi só os meus que perderam a barca, outros mais que lá estavam e que também chamavam pelo barqueiro para lhes dar passagem.»

De nossa parte pedimos ao sr. Administrador do registro, que providencie a respeito, por quanto, nos parece razoavel a presente reclamação.

Telegrammas.

—Refere o

Reporter de 12 do corrente:

O sr. chefe da Estação central obsequiou-nos hontem com o seguinte telegramma:

«A Tribuna liberal de S. Paulo distribuiu hoje ás 5 horas da tarde um boletim em que dava a noticia se-

guinte:

«Hontem ás 11 horas da noite cerca de 300 pessoas atacaram a cadeia de Itú afim de apoderarem-se do assassino da familia do Dr. João Dias F. da Luz. Os atacantes não conseguiram seu intento, ficando, porem, um soldado morto.

«Constou por telegramma hoje recebido que 150 pessoas armadas irião de novo á cadeia para apoderarem-se do preso.

«O chefe de policia conseguiu de superintendente da E. de Ferro Inglaterra a demora da partida do trem e nelle fez seguir uma força de 16 praças ao comando de um official de linha.»

BOLETIM

DO

JORNAL DA TARDE

(Dia 13)

A' ULTIMA HORA

O telegramma seguinte, dirigido de Itú ao sr. Theophilo Fonseca,

nos foi por elle obsequiado:

«O assassino do dr. João Dias Ferraz da Luz e de mais pessoas de sua familia, foi, pelo pavo, arrastado da cadeia, morio d' pedradas, e o cadaver arrastado pelos ruas.»

EXPEDIENTE.—Rogamos aos nossos assignantes o favor de mandarem pagar-nos a importancia de suas assignaturas e a de publicações pedidas e trabalhos avulsos.

CHARADAS

1— De pedra, estas filhas de meu pai, são povos d' Alemanha.

1— Não é boa e corre. Valente capitão Romano.

1— Não são boas, nem está lá o adverbio, de Socotrá a Ormuz.

1— No Oriente, no carneiro, contracção e este antigo paladino.

1— Para o escavador, esta nota é um rio estrangeiro.

1— No animal, no rio e na cidade.

As do n. 28 são: «Copo, Espelho, Arara, Aracari, Bacupari, Mar-cello.

Litteratura

CONSEQUENCIAS DO BAILE

Virgens ditosas que folgas no baile, Aves mimosas que adejaes ahí, Tomae cuidado no librar das azas, Mirai-vos todas neste espelho—aquí!

Tomai cuidado! ao retornello ardente, Palsa no seio o coração de amor: E se um suspiro se presente e anima Adeus da virgo!—a decantada flor!

O baile é antro onde se occultam feras, Fundo, insondavel, eminentemente abysmo: O baile é lobo que affugando a presa, Após devora-a com o maior cynismo!

Voltai o rosto ao horroroso quadro, Que aos vossos olhos apresento ao vivo: Não é somente pelas negras tasca: Que o vicio lavra do continuo—activo!

Ahi no baile, tudo é falso, horrivel, A brisa é quente, o furacão é forte, E ao seio puro que um hafejo aspira Lá vem as auras da gelada morte.

Ahi, as flôres o perfume perd-m, Gasão-se os brios—os instinctos d'alma, A crenga é nada, a corrupção impera Mentira, infamia, eis os flôres da palma.

Ahi se veste a hediondez dos vicios Nos alvissos da pureza san, Foge-se ao semio mistico dos gozos, Suppõe-se fado—realidade, afan...

Ahi, faze riso se associa o pranto, Aos sons da orchestra se misturam dores; Murchias, desfeitas, pelas salas roiam Dama grinalda as perfumosas flôres.

Eu soffro—minha alma é triste Como um grito de agonia; Não ha p'ra mim harmonia Neste pelago de dores: Tudo, inda, a luz da vida, Gloria, sonhos de futuro: Ao sentimento immaturo, Só trazem dissabores!

Rolando de tombo em tombo Como couva desprezível, Tornei-me mudo, impassível, Aos dictames d'afflicção; Errante, como as aragens, Rejei dos ebrios as fronteas, Esqueci-meas horisontes— Eu de encontro a perdigão!

Choro agora sem remedio, Sem poder coffer carreira, Sobre a face deste pó, Que de uma vez se transpôa, Choro agora, mas debalde, Quo o mundo se me antolhanda, Do meu estado zombando, Repete—eu sou teu algoz!

Choro, sim, desesperado, Dos meus sonhos de innocencia Relembrando a para ausencia, Sobre a face deste pó, Sem achar ao meu caminho Quem me diga: não, não sigas, Nesta senda não progrias... Sem achar sequer—um só!

E si acaso além depaço, Figura de gente humana, De alguma caravana, De libertos passou, E em vez de ir-me ao encontro, P'ra mim olha indiferente, Com olhar inconsequente, Sem perguntar-me quem sou.

E assim que vivo e passo Entre a fe e a impiedade, No seio da humanidade, Onde nasce, d'onde vim, Ora insultos recebendo, Ora infamias praticando, A morte a deos applicando, E meu martyrio sem fim!

Al, pois, oh virgens ditosas, Anansi estas ideias, São melhores que eppóias Inspiradas por amor, São mais bellas que os prazeres Que no luto se destructa, Que a harmonia que se escuta Do seio de algum cantor.

Vede esta fronte que um pezar sombreia? Vede este seio que um martyrio encerra? Pois desta altura resvallaram flôres, Lyrios que nunca ha-de brotar da terra!

Neste deserto, neste vacuo immenso, Hoje pejado de asnerias só, Dos sentimentos o mais nobre e puro Ogenenou-se em aridez—em pó!

Olhae, donzelas,—o futuro é longo, Da terra ao céo a immensidade é tal: Tomai cuidado, que o prazer do baile E' como a dor que se distaz n'um ait

Dança! folgai, que a mocidade é como A flor do prado que hefeja a brisa, Não só d'orvalho, de calor, do sombra Mas de cultivo na solidão precisa!

Vede este quadro? não sou moça e bella? E, todavia, me definho em vida... E' que me falta de um cultor e esmero, Neste deserto a divagar perdida!

Virgens ditosas, que folgas no baile, Aves mimosas que adejaes ahí! Tomae cuidado no librar das azas, Mirai-vos todas neste espelho—aquí!

Agosto—24 de—1872.

Variedade

Meditação

Do meu amigo V. Ferrer Soares.

(à borda do mar.)
Gloire à Dieu seul!
son nom rayonne en ses
ouvrages! (Victor Hugo.)

O sol, como um lindo globo de
ouro, librava-se no espaço já per-
to da superfície azulada dos mares.
Seus raios purpúreos projectavam-
se em angulos agudos pela abóbada
da celestia, firmando desta forma
uma irradiação magestosa.

O occidente estava bello então; o
oceano revolando-se em seu leito
immenso bramia e espreguicava-se
massadamente pelas praias.

E eu estava a esta hora só na-
quellas plagas solitarias e tristes.

Com assombro contemplava o
paizel, que se desenrolava sublime
ante os meus olhos; sentia meu
espírito absorto e extático ante
aquella panorama, ora se engol-
fava em mil pensamentos, che-
gando quasi a perder a conscien-
cia de sua individualidade, ora se
deixava arrastar nas aras da ima-
ginação, e se projectava n'essas re-
giões tenebrosas, immensas, desco-
nhecidas em procura do auctor de
tanta magestade, de tanta mara-
vilha e de tanta belleza!

Aquella hora era realmente bella
e sublime! septima-se eandades,
inspiração e poesia!

Mais que nunca desejei então
possuir a melancolica lyra de La-
martine para mil canticos entoados ao
Omnipotente!...

O sol, como que balangando-se
por um instante sobre o mar, su-
biu-se. Ainda emittiu alguns vo-
zes mufocados, taes como os ul-
timos signaes de vida do moribun-
do, que expira. O oceano continua-
va no seu sussurro monotonico e um
espectaculo não menos brilhante
vinha substituir o que ha pouco
desapparecia.

Innumeraveis globos se divisa-
vam aqui e ali pelas amplidões
dos céus, derramando torrentes de
luz sobre a superficie espalhada
das aguas. Lá descreviam em si-
lencio orbitas incommensuraveis
trapçadas de toda a eternidade pe-
lo dedo de Deus! E nesse gyro
silencioso e continuo brilhavam e
sorriam atestando a gloria, o po-
der do Creador!

Continúa

Correspondencia do Echo.

Lorena, 9 de Fevereiro de 79.

Redactor Amigo.

A nossa respeitabilissima collega
botou desta vez as manguinhas de
fôra!

Em um só n. dous pompôso ar-
tigos de fundo, dous profundos artigos
editoriaes!

O noticiario, o impagavel, o que-
rido, o scintillante, o sublime notici-
ario?

Foi uma cousa de encher o olho,
como por ali dizem; foi uma cousa
tão importante que não pode caber
nas estreitas columnas de um perio-
dico que, como o Echo, não tem as
honras de ser o primeiro da Provin-
cia.

Entro em materia, meu querido
amigo e compadre.

O primeiro artigo de fundo dos

dous artigos de fundo pôde ser divi-
dido em 3 artigos de fundo, porque
tem fundos bastantes para assim ser
considerado por mim, quemal apenas
aprendi a ler n'uma Escola publica
(ajuda não tinha sido creada a Ca-
deira do Bairro do Vinagre.)

Ora, como no meu tempo não
houvera Escola Normal em S. Paulo,
não tive a felicidade e distincta hon-
ra de ser discipulo de algum Profe-
sor alumno-mestre, plenamente ap-
provado e formado nas Materias da
Escola Normal.

Eis ahi porque não julgo exquisi-
tice dizer-lhe que os 3 artigos de
fundo do primeiro artigo de fundo tem
fundos.

Demos agora um piparote no pri-
meiro, desde registramos até o Cur-
dade.

As primeiras palavras são cousas
já muito sedicas, e por ellas bem se
vê que o Redactor principal não in-
ventou a polvora; o segundo periodo
destaca-se dos outros por 3. erros
grosseiros de Grammatica Portu-
guez; o 3.º é uma puerilidade; os 4.
ultimos verdadeiras bernardices.

Como lhe disse, no segundo perio-
do ha 3 erros grosseiros; vejamos,
pols:

1.º — erro de pontuação: segundo
de Grammatica; devia o Redactor
collocar uma virgula no fim da pala-
vra — Janeiro —, porque é uma cir-
cunstancia de tempo;

2.º — erro de syntaxe de concor-
dancia: o nobre Redactor escreveu —
seu se de paq em var as portas.

Então diz-se ou escreve-se — «u-
bri-se as portas»? Em que diabo
de Grammatica aprendeu isso o col-
lega?

3.º — erro de Orthographia: não se
escreve — a ben de... mas sim: d
bem de, porque este é preposição.

Que perolas, meu caro! Passe-
mos ao segundo artigo.

Procedendo da mesma forma, ve-
jo que:

O primeiro periodo, desde as pa-
lavras — «Ao darmos, até a palavra
Prado, tem da impropriedade de
vocabulos, ha 1 erro grosseiro de
Grammatica portugueza;

Pelo segundo, vemos que os
Ex.ªs. Doutores Joaquim Pedro Vil-
laça e Americo Vespacio forão dous
baluartes;

Pelos 3.º e 4.º vemos que o Re-
dactor quer que o «anjo da caridade
adeje», e tambem vimos a saber que
os esposos das Ex.ªs. são esmóteres e
que seus filhos são nobres.

Agora vamos destrinchar o erro.
Em que diabo de Livro estudatis
o collega a parte da Grammatica que
trata da pontuação?

Como é que no lugar em que de-
via collocar 2 pontos collocou um
ponto final, transformando inteiri-
mente a phrase?

E'engraçado!

E para não perder tempo, vou
saborear o boa prosa do 3.º artigo
al ao primeiro artigo de fundo.

Ahi, ha muita cousa interessante,
a julgar-se pelo 3.º periodo. «nun-
ca se convergenhou de estender a não
para o indigente...»

Muito bem! então a gente que

dá esmola nesta boa terra tem o cos-
tume de convergenhar-se?

D'essa não sabia eu! Polizmente
o collega empregou reticencias, co-
mo pontuação apropriada ao caso.

Eis ahi, meu caro amigo Redactor
compadre, o primeiro dos dous arti-
gos de fundo, em carne e osso.

Ha muitas outras bellezas que o
leitor apreciará; e de boa vontade o
faria consigo, se não necessitasse
passar do 2.º editorial, no artigo-tu-
tu.

— Esse artigo de fundo tem mui-
tos fundos: lede-o, e vereis.

Além do poetico «deve de ser... e
deve de ser, e deve de ser», ha cousi-
nhas bem espirituosas.

Mas, para que heile amolar-lhe
com as minhas citações?

Pica sabendo, em ultima analyse,
que o Redactor Principal quiz, com
o seu monumental artigo sobre A
ponte do pochinho, — mostrar que co-
nhece pessoalmente o actual Presi-
dente da Provincia.

Apprecia este pedacinho:

«Conhecemos pessoalmente a S.
Ex.ª e fazemos justiça ás suas in-
tencões».

Oh! sancta ingenuidade! ó vai-
dosa simplicidade!

Que tal, eim, collega?

— No entretanto, a Gazeta de Lorena
botou desta vez as manguinhas de
fôra.

Noticiou a retirada do destacamen-
to policial da Villa do Cruzeiro, e
demonstrou-se adversaria da cam-
panha Eleitoral do Rio Verde.

Porém, uma cousa é que eu dese-
java saber: porque apparece hoje em
campo o Redactor principal?

Porque não profligou os abusos
do destacamento, quando os poli-
cias promovio de ordens ainda
estando no Cruzeiro?

Hoje, que são passados os mais
dias, é que a collega se lembra de
clamar. Era melhor que ficasse
quieta, já que não teve a coragem
de fallar em tempo: era melhor
que mettesse a viola no sacco. Mas,
a Gazeta tem d'estas quasi sem-
pre.

Leviana, ingenua, sem reflectir
quando avança uma proposição,
inconsciente muitas vezes, ella an-
da sempre a passo de carangueijo.

Os escriptos que enchem as suas
16 columnas são na maior parte
verdadeiras bernardices.

Lede o noticiario de domingo,
querido Redactor, que tereis uma
prova exuberante do que lhe digo.

O que lhe tenho dito sobre este
monumental periodico pod' reduzir-
se ao seguinte: o que é bem não é da
Gazeta: o que é da Redacção da
Gazeta não presta.

O noticiario de que lhe fallei é
interressantissimo: tem 4 columnas
de noticias laudatorias (para não
dizer bajulatorias.)

Tres pessoas, porém, ficarão
compromettidas com esse procedi-
mento da noticiaria-quasi; e,
com razão lembrarão-se da Faba-
la do Urso e do Jardineiro, cuja
moralidade é esta: mais vale um
inimigo sabio do que um amigo
ignorante.

Realmente, se pensasse um mo-
mento, escreveria o collega o se-
guinte: «Ficou-se em Silveiras a

exma. sra. D. Eulalia Carlota de
Azevedo Almeida, filha do sr. Ma-
jor João Henriques de A. Almei-
da n.º 7.

E, em seguida, escreveria isto:
«A 28.º e o nosso amigo tenente
João Henrique Junior fez suffragar
a alma da Snada &»?

Se o collega reflectisse, daria
aquella noticia sob a rubrica—Re-
gresso,—em que se lê que o honesto
magistrado, sr. Dr. Carlos E. de
Meito e Mattos actua-se já entre nós?

Ora, meu amigo, se pudesse di-
zer alguma cousa á nossa collega,
aconselhar-lhe-hia mais criterio,
mais Grammatica, menos orgulho
baloufo, menos noticias laudato-
rias e menos bernardices.

—Consta-me que a exma. sra. D.
Carlota de Castro Moreira, viuva
do fallecido capitalista Moreira
Lima, vai mandar concluir (do seu
bolso) as obras da lereja d'es-
ta cidade.

E' uma boa accão, digna de lou-
vores, que eu tambem praticaria se
estivesse na posição d'essa exma.
senhora e nas condições pecuniaras
de seus Filhos.

—Diz-se que está nomeado para
reger o 3.º cadeira de Primeiras
Letras d'esta cidade, ha muito tem-
po vago, o sr. Professor Publico
Joaquim Francisco Pereira (vulgo
men chôrã, Quim Francisco).
O zelo, recato, intelligencia e
integridade com que dirigio as Es-
colas do Paizal ou do Sapé e do
Bairro da Figueira, nesta cidade,
são-lhe as melhores garantias.

—Diz-se por aqui que a policia
continua a olhar para os seus de-
veres como boi pra palacio.

Não se passa um domingo (e
mesmo em dias de semana), que
não se dê um facto lamentavel na
Venda do Pedro Corrêa: e nada
de policia. Ha dias, foi barba-
mente espancado um pobre homem,
trabalhador honesto e nada de poli-
cia, nada de authoridades.

Se a nossa colleguinha da Rua
Municipal pensasse alguma cousa,
diria por certo alguma cousa a esse
respeito: mas não.... ella t'm ra-
zão.....

—No entretanto, o sr. Subdele-
gado de Policia para mandar tro-
car a Cadeira (a celebre Cadeira!)
qualquer pessoa, embora infringin-
do a Lei vigente e os bons prin-
cípios, como succeder estes dias,
não cochila.

—A exma. sra. Professora Lou-
rença, que rege a 2.ª Cadeira, mu-
dou sua Escola para o Largo da
Matriz, por conveniencia do publico
serviço: Os senhores pais de família
lá a encontram em todos os dias
ateis.

—Corre como certo que o Redac-
tor principal pretende fazer vida
de solitario, retirando-se da socie-
dade e tambem das pugnas litteras,
nas quaes foi soldado bastante ani-
moso.

Seu correspondente e amigo:

Quim Pedro.

A PEDIDOS

Ao publico

Um artigo editorial de 9 do corrente

relata a illustrada Redacção do *Echo Municipal* os abusos praticados pela policia deste logar, que deram origem ao conflicto do dia 6, com a proficiência e clareza com que este organ costuma tractar questões de tanta transcendencia.

Injustamente arguido por me attribuirem a expedição de uma ordem oppressiva contra a inviolabilidade do cidadão; injustamente arguido, repito, de mandar revistar indistinctamente cidadãos pacíficos e inasuspeitos, venho protestar do alto da imprensa, contra as falsas versões, que a meu respeito se propalam.

Faço-o tanto por amor á minha dignidade, como pelo respeito que me inspira o publico Cachoeirense: é preciso por tanto que nenhuma duvida paira no espirito melancólico de toda esta população.

Vou justificar-me perante alguns indivíduos mais obstinados, que, para a desconfiança daquelles que reconhecem a integridade do meu caracter, e nomeadamente, para a illustrada Redacção do *Echo Municipal*, a minha posição e o meu procedimento estão bem definidos.

Receba, pois, esta Redacção o meu reconhecimento, pela maneira por que se houve na apreciação que fez a meu respeito. No exercicio das funções de Subdelegado, jamais fui de encontro aos principios, que professo.

A medida arbitrária, que o commandante do destacamento fez executar, é de sua propria iniciativa.

Em presença do sr. Beato Ortiz e dr. Costa, e outras muitas pessoas, o proprio commandante declarou, que jamais recebera ordem minha, relativa ao assumpto em questão. Portanto, por tanto, um testemunho solemne.

Dei, sim, uma ordem peremptoria contra o abuso de jogo, que ameaçava augmentar de dia para dia.

Algumas casas de negocio abriram as suas portas, e os seus balcoes eram convertidos em mesas de taboagem. A policia deu execução á essa ordem aliás justa; contra mim levantou-se a celexa assés repugnante d'aquelles que se divertiam em tão innocente occupação. Embora! D'entre estes, alguns eu sei, pedem, rogam ao sr. Claudino de A. Palma para assumir a jurisdicção da Subdelegacia—e é accetia effectivamente!

No dia 5 da corrente recebi um officio do sr. Palma communicando-me que n'aquella data assumira o exercicio de Subdelegado.

Fiquei inteirado. No dia seguinte foi o sr. Palma alvo de uma grande manifestação por parte de algumas das mais conspicuas pessoas do logar pelas acertadas medidas que tomara.

Poucas horas depois dessa honrosa manifestação, um grupo de consuecos dirigiram-se ao quartel da Policia invadido-o, fôrem algumas praças reduzem a fragmentos o lampião da porta, e praticão, estes corajosos as mais contristadoras tropelias que jámais se presenciaram. O sr. Palma, que nesse mesmo dia impunha a vara de Subdelegado, para acalmar o animo exacerbado do publico, mostrase impotente e pusi-

lanime em presença desta canibalismo.

Apparece neste interm o denodado cidadão, Bráulio Muniz, que com coragem inaudita, sobrehumana, consegue oppor um dique á onda infernal da população, sedenta de sangue.

Agora pergunto ao sr. Palma: Seriam o quartel e a policia atacados pelas pessoas que deixá-lo de ir-lhe render homenagem?

Aqui há mysterio!... Termino, pedindo ás pessoas de critério, que felizmente a Cachoeira conta em seu seio, que me fação a justiça devida.

Cachoeira, 13 de Fevereiro de 1879.

J. J. Rodrigues da Motta

J. J. R. da Motta á Antonio Alípio Franco e Aureliano Alzamora.

Deparei nas columnas do *Echo Municipal*, de 9 do corrente, com dois artigos mediorias assignados, o primeiro pelo sr. Aureliano Alzamora—o segundo pelo sr. Antonio A. Franco, ambos dirigidos a mim em termos virulentos e desleaes.

A importancia dos signatarios não merece uma resposta cortez, as suas produções muito menos.

Não deveria responder á verinhas engendradas por cerebros escandecidos: mas faço-o, para arredar qualquer dúvida dos espiritos desprevenidos.

O sr. Franco, a quem o publico da Cachoeira conhece somente sob o pseudonymo de Zico, pergunta no seu libello diffamatorio, onde estamos: se no Brazil ou na Turquia. S. S. ignora seu davião, que este torraçinho pertence ao termo de Lorena?

Não ridicularise: a arma do ridiculo tem dois gumes, e quando tenta ferir a vossa mór, deiza machucado na mão, seu alcor.

O artigo da lei porque se regulou o commandante do destacamento, na forma porque procedeo com o publico da Cachoeira foi o mesmo que o gultorson em Lorena a passar revista em pleno dia, nos cidadãos Major Vieira, João Vieira, Basilio, Agente cosnel Rodrigues Ferroira e outros que, sem duvida gram suspectos, segundo a mesma lei.

Não duvido que s. s. seja cidadão pacífico e honesto: porem na noite do conflicto na Cachoeira, o seu nome era designado entre a vozzeria da população, como um herbe da occasião.

Não ligo commensurarios. O sr. Alzamora, por seu turno, pretende desvirtuar-me com as suas diatribes. Engana-se: a mentira, a calumnia, cahem por terra ante o influxo da verdade. É a verdade apparece. S. s. deveria procurar-me, para fundamentar sua queixa, contra a arbitrariedade policial, na minha residencia onde me encontraria, porque tenho domicilio certo aoavez de tantas que se juctuão como modo de honestidade, não sou ave de arribasão.

Qual o lugar em que s. s. me procurou? Intimo ao, articulista, que declare qual é essa pessoa (mas pessoa idonea) que affirme ter-me quido dar ordem verbal revistar os transeuntes ou apresentar ordem official firmada por mim, e emquanto o não fizer ficar-me-ha o direito de qualificar-o de falsario e calumniador.

Declaro, porem, que quando tivesse assim procedido, com as devidas restricções, teria beneficiado bastante esta população, aliás bem affectada de parasitas, e vagabundos.

Por ultimo agradeço o conselho de s. s. que, apesar da sua pretensão a doutor, poderá aproveitar-me para occasões futuras.

Cachoeira, 13 de Fevereiro de 79.

J. J. R. da Motta.

Sr. Redactor.

Deparando em seu jornal n. 22, com a moftina assignada: o negociante de nossa especie, nunca nos passou pela mente que tal moftina se referia a nós, e d'isso não

teriamos conhecimento se o proprio autor da moftina (o sr. Domingos de tal) não nos tivesse declarado em presença de mais pessoas, que era elle Domingos, o signatario anonymo e que a nós se dirigia.

Não acostumados a escrever para o publico, porque limitamo-nos ao nosso trade trabalho de commerciantes, jamais esperavamos que o sr. Domingos a quem nunca offendemos, prorompesse suas iras contra nós, investindo em sua intemperada moftina asserções, que não pode provar, e desejamos ser contestados.

Fazemos ao moftineiro de nova especie (o sr. Domingos) as seguintes perguntas: Se a s. s. conhece que em nossa casa vendemos agnidente misturada com agua natural, para que não reclamou em nossa presença esse abuso, e para que amigadas vezes vinha com seu garrafão de 5 quatinhos a levar o cheiro da tal bebida arruinada, e não contente com a que levava no garrafão, não podia retirar-se sem primeiro despejar pela garganta abaixo, um bom copo da tal bebida arruinada?

Perguntamos-lhe mais se vio em nossa casa toucinho amarello que no seu entender, era ruinoso, para que d'isso não denunciou a quem de direito compete, e agora, que, passados tantos dias que nem d'esse genero temos á venda é que apparece com sua disparatada moftina?

Lembre-se o sr. moftineiro que nós os signatarios abaixo, não negociamos como vulgarmente se diz a tráz da porta, e por isso nada reboiamos, se vendemos, como diz o moftineiro, generos deteriorados, os vendemos em pleno dia, á vista e face de quem quer que seja, nada temos occulto.

Conheça o publico, para quem apellamos e a quem pedimos desculpa por este aranzel, que se viemos á imprensa, foi não denunciou a quem de direito compete, que nos fez o sr. Domingos de tal, em vista de mais pessoas, e por isso entendemos que devemos dar disso conhecimento ao publico.

Aconselhemos ao moftineiro que a inveja é o 6.º peccado capital, e se entende que o dinheiro, que nossos freguezes nos dão em troca dos generos, que lhes vendemos deve pertencer-lhe, siga o nosso exemplo e de muitos outros, pague os impostos municipaes, abra suas portas, compre e venda, e deixe-se de querer ferir reputações alheias.

Cachoeira, 14 de Fevereiro de 79.

A. & R.

DESPEIDIDA

O Dr. José Ignacio de Macedo retirando-se de mudança para a Cidade de Lorena, onde occupa o cargo de Promotor Publico da Comarca, não pôde pela pressa despedir-se pessoalmente de todas aquellas pessoas, de tanta da Villa do Cruzeiro como desta Freguezia que o honrão com a sua amizade, fazendo-o pois por meio deste, e pondo o seu limitado prestimo á disposição dos seus amigos n'aquella cidade, onde vai fixar sua residencia, á rua direita.

Cachoeira, 9 de Fevereiro de 1879.

Secção Commercial

CACHOEIRA

PREÇOS CORRENTES

16 de Fevereiro 1879.

Arroz limpo	sacco	14\$000
Feijão	40 litros	2\$500
Dão com casca		\$
Farinha de milho		4\$600
Dita de mandioca	40	4\$000
Milho		4\$000
Batatinhas	sacca	2\$200
Café bom	16 kilogr.	5\$500
regular		5\$000
Toucinho		9\$000
Assucar claro		6\$500
Redondo		4\$500
Mascavo		4\$000
Fumo superior de Minas		4\$500
Carne verde	kilo	\$360
Aguardente Pipa		70\$000
Frangos, um		\$500
Queijos		1\$200
Ovos, uma duzia		\$500

Anuncios

ADVOGADO.

O Dr. José Ignacio de Macedo, Promotor Publico da Comarca de Lorena, advogando no civil, tem o seu escriptorio á rua direita em Lorena.

3-4

VIVA O

CARNAVAL !!!

Tres Grandes e pomposos bailes mascarados 23, 24, 25 de Fevereiro 79. Recebe-se assignatura para esta popular festa. Preparam-se nesta freguezia grandes accessorios para que o carnaval este anno não seja olvidado. A. Carrara.

A' ultima hora

Horario da balsa.— Autorisados pelo sr. Administrador do registro do salto n'esta freguezia communicamos aos nossos leitores que, em consequência da grande enchente do rio Parabyba, torna-se impossivel e perigosa a passagem da balsa á noite, dando por conseguinte passageiros em quanto permanecer cheio o rio somente até ás 7 horas da tarde.

Aos nossos leitores.— Julgando de algum interesse para muitos dos leitores do nosso periodico, abrimos hoje nas columnas d'este uma secção commercial, onde daremos regularmente os preços correntes dos generos em nossa praça.

Typ. do Echo Municipal, Cachoeira.